

## UM LIVRO SOBRE AS BATALHAS DOS GUARARAPES

O tenente coronel Antônio de Souza Júnior, professor de história militar da Escola do Estado Maior do Exército, acaba de conquistar o primeiro prêmio do concurso comemorativo do tricentenário da segunda batalha dos Guararapes instituído pela Biblioteca Militar, com a monografia intitulada *Do Recôncavo aos Guararapes* (Rio, 1949). A vitória, que merecidamente lhe foi conferida, premiou um trabalho que estuda com segurança o aspecto até agora não versado das lutas holandesas do Nordeste: aquele que do ponto de vista técnico militar examina o desenvolvimento estratégico e tático das duas batalhas dos Guararapes.

Na verdade os dois grandes feitos brasileiros não tinham tido até agora o seu historiador tecnicamente militar, e o Barão do Rio Branco já lamentava no começo do século que nem mesmo existia um mapa topográfico da região, o que dificultava, senão impossibilitava, o exame dos aspectos estritamente militares desses episódios. Com a mesma dificuldade lutou o autor, que conseguiu com detido exame do local, levantar um pequeno mapa do terreno, do qual apresenta esboço no livro. Conhecido o terreno, o autor passa a descrever em capítulos próprios as duas ações militares dos outeiros dos Guararapes, estudando em relação a cada uma, estratégia e tática, os preliminares e o desenvolvimento das batalhas e as perdas sofridas pelos exércitos em luta.

Estes são os capítulos em que o autor apresenta realmente uma contribuição notável e digna de ser conhecida. Nos demais, em que procura fazer uma "história resumida das guerras holandesas ao norte do Brasil", nada de novo apresenta; talvez mesmo só os tenha ajuntado com o intuito de situar o ponto culminante da luta, do ponto de vista militar, representado pelas batalhas. Entretanto, alguns pequenos enganos escaparam ao cuidadoso estudo: assim é que, à p. 54, o forte Ernesto aparece como Santo Ernesto; à p. 80, d. Luiz de Rojas y Borja é mencionado como duque de Lerma, quando apenas pertencia pelo lado paterno à família deste, embora em alguns documentos surja com o título de duque de Granja; à mesma página e com relação ao mesmo militar, menciona-o como ocupando o posto de governador e superintendente na guerra de Pernambuco (enganos em que outros autores, Varnhagen inclusive, incidiram), quando na verdade, segundo a própria patente, da qual examinei cópia autêntica na Biblioteca Nacional (Secção de Mss. catálogo I-35, 15, 12), datada de Madrid 30 de janeiro de 1635, trazia apenas o de lugar - tenente em terra do Marquez de Velada, este sim, indicado general e governador de terra e mar e encarregado de uma frota que se preparava em portos ibéricos; à p. 86, o conde João Maurício de Nassau, governador de Pernambuco, é dado como filho de Guilherme o Taciturno, sendo na realidade sobrinho-neto deste (no que também se enganou Rodolfo Garcia, que o apontou como neto do Taciturno: nota a Varnhagen, 4 ed. II, p. 338); à p. 138, indica que Francisco Barreto foi aprisionado pelos holandeses na costa de Pernambuco, quando na realidade o foi a cerca de 30 léguas ao mar da Bahia (a Bahia, e não Pernambuco, era aliás o destino de Barreto, que só depois de chegar ao Brasil é que foi nomeado governador de Pernambuco); à p. 178, surge, ao modo holandês, intitulada de Santo Antônio Vaz a ilha de Santo Antônio e, finalmente, à p. 212, Camarão é dado como capitão-mor dos índios brasileiros, quando o era apenas "de todos os índios da costa do Brasil, desde o rio São Francisco até o Maranhão", como ele próprio declara em documento de que a Biblioteca Nacional possui cópia (Secção de Manuscritos I, 35, 15, 9). Pequenos enganos, como se vê, dos quais somente um estudante de história, como o que escreve estas linhas, dominado pela paixão da minúcia (do que, com razão, o acusou o erudito historiador das lutas holandesas, dr. José Honório Rodrigues), se atreveria a

pedir retificação.

Já indiquei que a contribuição realmente muito valiosa do tenente-coronel Antônio de Souza Júnior é o estudo militar das batalhas dos Guararapes. Salienta com muita justeza o autor que, "em contato com a realidade brasileira e sofrendo a influência do nativo, os lusitanos foram obrigados a modificar inteiramente a sua maneira de fazer guerra no Brasil. Não compulsamos documento oficial que descrevesse a organização e os processos de combate das tropas brasileiras. Não resta dúvida, porém, que esses processos não tinham semelhança com os empregados pelos exércitos europeus, no século XVII". Estas conclusões muito exatas do autor, baseadas aliás em boa documentação, coincidem com as minhas próprias, já expressadas em livro. Apenas o autor vê nesses processos de combate, a assimilação pelos luso-brasileiros de métodos de lutas indígenas: "as forças irregulares brasileiras baseavam seus processos de lutar na malícia dos índios e na improvisação e coragem que lhes eram próprios". Concordando com a sugestão, desejo lembrar, porém, que no caso havia coincidência dos processos indígenas com processos africanos de luta: mamelucos e mulatos, índios e africanos parece que foram na verdade os verdadeiros mestres da guerra "brasílica" ou ao modo do Brasil - embora seja inegável a preponderância em influência dos processos de luta indígena sobre os africanos. Mas o autor salienta que os holandeses assimilaram alguns desses processos, através de Calabar; Calabar, um mulato brasileiro (pp. 61/62). A apreciação faz-me recordar, a propósito, a observação de Gilberto Freyre sobre o nosso *football* jogado por brancos, pretos e mulatos brasileiros, de que "o nosso estilo de jogar *football* me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresas, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o *mulatismo*" etc... Creio que, sem esforço, a observação de Gilberto Freyre pode ser estendida aos processos de luta dos brasileiros, pelo menos nesse período de nossa história, fato que tentarei esclarecer melhor em futuro artigo. Para esse estilo de luta - o que o autor caracteriza como sendo o da *malícia*, o da *improvisação*, e o da *coragem* - a espada representa, ao contrário do mosquete e do arcabuz e, em geral, da anua de fogo, de que o soldado se serve à distância, a anua ideal para a expressão desse *mulatismo* psicológico quando não genético, arma ideal porque, como no caso da bola no *football*, concede oportunidade excepcional para afirmação do valor e das qualidades individuais do lutador. A documentação histórica confirma plenamente a observação que, partindo do *football*, é possível estender à luta armada do século XVII, segundo o estilo brasileiro. "Sem dúvida nenhuma (diz o autor, p. 144), o que predominava era a arma branca, especialmente a espada. Peritos em manejá-la, arrojados, valentes e ágeis, os brasileiros tornaram-se temíveis no combate individual corpo a corpo". As informações de contemporâneos holandeses e luso-brasileiros só fazem confirmar a afirmativa do Autor.

Com relação ao armamento usado pelas tropas brasileiras, há muita indicação a recolher em valiosos documentos que a Biblioteca Nacional conserva, a saber: para a primeira fase da guerra (1630-1635), o chamado *Códice Pernambuco*, da coleção Castelo Melhor, e para a última (1645-1654) os mandados copiar no Arquivo Histórico Colonial pelo ministro Jerônimo A. Figueira de Melo e por ele doados à Biblioteca. As armas preferidas, quanto às de fogo, eram em especial os arcabuzes de Biscaia e depois os mosquetes, espingardas, carabinas e pistolas. Quanto a armas brancas, a espada, como já ficou indicado, ocupava o primeiro lugar, embora fossem usados também os piques-de-campo e mesmo facas carnicieiras. Um acordo realizado em 1633 entre pernambucanos e holandeses (e ao qual o Autor se refere à p. 64 citando Southey) do qual o *Códice Pernambuco* inclui cópia, proibia o uso de "balas empeçonhadas ou quadradas ou

esquinadas ou enramadas e o atirar com barretas de ferro e chumbo e canhão rajado".

Quanto ao desenrolar das batalhas, a exposição e os comentários do tenente-coronel Souza Júnior pareceram-me perfeitamente precisos e em concordância com a documentação. Seria de desejar, porém, que o Autor tivesse recenseado a documentação manuscrita e as publicações contemporâneas que descrevem o desenvolvimento geral das batalhas ou apenas a luta de determinados regimentos nela empenhados.

Com relação à primeira batalha, contam-se do lado brasileiro o relatório oficial de Francisco Barreto (publicado na *Rev. do Inst. Histórico Brasileiro* n. 56), uma carta do tenente-general Philippes Bandeira de Mello (ainda inédita) e a *Relação da Vitória*, etc., publicada por Eduardo Brazão; da parte holandesa, as partes oficiais de Sigemundt von Schkoppe e de Comelis van den Brande (inéditos, publicado ambos pelo Autor) e o relatório de 22 de abril de 1648 dirigido aos Estados Gerais (em MS no Instituto Histórico, publicado contemporaneamente em Haia, 1648); com relação à segunda, da parte brasileira, não foi encontrada até agora o relato oficial de Francisco Barreto, existindo apenas a *Relación de la Vitoria* (reproduzida nos *Anais da Biblioteca Nacional* n. 20); da parte holandesa conhece-se o relatório de Michiel van Gogh (que o autor publica em apenso ao livro), o relatório de Schkoppe (cópia MS. no Instituto Histórico Brasileiro) e diversos outros depoimentos importantes de coronéis holandeses (como o de Lobbrecht e o de Houthain, que o autor lamenta não ter conhecido, p. 171, mas dos quais recentemente encontrei cópia no Instituto Arqueológico Pernambucano). Estes, para mencionar apenas depoimentos de testemunhas presenciais ou de contemporâneos em condições de poder descrever com precisão os acontecimentos.

Embora o tenente-coronel Souza Júnior não tenha conhecido todos os depoimentos acima mencionados (de que resultou, por exemplo, por não conhecer a *Relación de la Vitoria*, deixar de mencionar a existência no exército penambucano, na segunda batalha, de duas companhias de cavalaria), a descrição que apresenta do desenvolvimento dos dois reencontros e muito boa e os gráficos que ajunta dão idéia precisa das várias fases da luta.

Ao ter o prazer de comentar o livro *Do Recôncavo aos Guararapes*, ressalto a contribuição original que o ilustre oficial e professor de história militar, Antônio de Souza Júnior, acaba de prestar ao estudo do período flamengo do passado nordestino, representada pela magnífica descrição e comentários técnicos das duas batalhas dos Guararapes, que agora ficam os leitores conhecendo em todas as suas fases.

FONTE: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 28 maio 1950.